

REMANESCENTES DE FLORESTA COM ARAUCÁRIA NA REGIÃO CENTRO-SUL DO ESTADO DO PARANÁ E OS SENTIDOS DE FRONTEIRA

Remaining Areas of Araucaria Forest in the Central-South region of the state of Paraná and the senses of frontier

Ricardo Gomes Luiz³⁰
Maclovia Corrêa da Silva³¹

Resumo: O processo de ocupação de uma região do estado do Paraná foi analisado com base em conceitos presentes na Teoria de Fronteira de Frederick Jackson Turner, como a geração de desenvolvimento econômico e social de um país e a construção de valores como democracia e liberdade. O texto faz relações com as ideias sobre territórios de diferença explorado por Arturo Escobar. Analisa a convivência entre a expansão territorial, política e a conservação da Floresta com Araucária (Floresta Ombrófila Mista), ecossistema associado à geração de riqueza, tecnologia, ciência e progresso da região centro-sul. A planta nativa erva-mate – uma das espécies da diversidade biológica deste ambiente – se entremeia à narrativa evolucionista das políticas e programas do processo de ocupação territorial e de exploração dos recursos naturais. Conclui-se que há aderências e não-aderências aos conceitos de Turner para explicar estes fenômenos e que existe a necessidade de investigar outras visões e olhares para incorporar a compreensão interdisciplinar na sua totalidade.

Palavras-chave: Teoria de Fronteira; Floresta com Araucária; Erva-mate; Estudos CTS.

Abstract: The process of occupation of a region of the state of Paraná, Southern Brazil, is analyzed based on concepts present in the Frontier Theory of Frederick Jackson Turner, as the generation of economic and social development of a country and the construction of values such as democracy and freedom. It is made relations of territories of differences worked by Arturo Escobar. It analyzes the coexistence between the territorial expansion, politics and the conservation of the Araucaria Forest (Mixed Ombrophylous Forest), ecosystem associated with the generation of wealth, technology, science and progress of the region. The native yerba mate – a species of the biological diversity of this forest – is intermingled with the evolutionist narrative of the policies and the programs of territorial occupancy process and exploitation of natural resources. It is concluded that there are adhesions and non-adherences to Turner's concepts to explain these phenomena, and that exists a need to investigate other visions and looks to mainstream an interdisciplinary understanding in its entirety.

Keywords: Frontier Theory; Araucaria Forest; Yerba-mate; STS Studies

³⁰Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. E-Mail: ricardogomesluiz@gmail.com

³¹Professora do Programa de Pós Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR E-Mail: macloviasilva@utfpr.edu.br

INTRODUÇÃO

A proposta do texto é iniciar uma discussão sobre a existência de uma história sem ideologias, que foca a objetividade, e que nega o ponto de vista dos autores e suas metodologias. Peinado e Alonso explicam a importância de se compreender uma época passada a partir dos próprios elementos contidos nos textos, discutidos pelo autor ou autores, sem recorrer a critérios contemporâneos para avaliá-los. A postura do investigador é buscar fontes ou textos paralelos que possam apontar limites, análises, estilos, relações entre texto e autor, credibilidade e erros.

A história da ocupação das terras brasileiras não difere daquelas contadas por historiadores de outros países, como a dos Estados Unidos. Ela começou com as capitanias hereditárias no litoral e se expandiu para o oeste do país. Movimentos políticos e guerras intermediaram os movimentos de conquista de territórios e extensão de fronteiras. Como nação livre, após 1822, as construções políticas do Império reproduziram comportamentos coloniais de domínio territorial – incluindo o desmatamento de florestas e a consequente perda do patrimônio natural.

A fermentação liberalista, explica Sérgio Buarque de Holanda, que precedeu o movimento de independência, restringia-se a pequenos grupos sociais e a propaganda da República ainda não conseguia introduzir sentimentos de nacionalidade. Os partidos políticos representavam menos as ideias e mais os ideais de pessoas e de famílias.

O território nacional republicano do final do século XIX foi comandado pelos militares. O que se queria era um homem novo, construído com ideais distantes dos agricultores rurais e inserido nos valores sociais vinculados à burguesia em ascensão. Esta nova sociedade ainda não tinha um sentimento de nacionalidade no processo democrático. Getúlio Vargas, que foi presidente do Brasil entre 1930 e 1945, criou agências para agir na integração do território nacional e incutir valores no inconsciente coletivo.

Era o “sertão” um lugar desconhecido, entendido como um espaço vazio, que estava desconectado. “Foi assim também que, em 1940, Vargas lançou a chamada ‘Marcha para o Oeste’, como uma diretriz de integração territorial para o país”. Valorizava-se a figura do conquistador, do bandeirante, um herói que desbravava as terras incultas e chegava ao sertanista. Ele construía a nacionalidade na medida em que agregava territórios ao país (Amapá, Rio Branco, Guaporé, Iguazu e Ponta Porã), induzia a ocupação humana feita por meio da criação de povoados, estradas e meios

de comunicações . O sertão, um conceito polissêmico, também compõe a paisagem geográfica do romance de Guimaraes Rosa, conforme explica Meyer.

A percepção geográfica em Grande sertão: veredas é corporal, vivida com cumplicidade no meio de situações do cotidiano. As paisagens são percebidas e ganham existência porque estão impregnadas de significados que se traduzem na memória e na expressão, em reminiscências do vivenciado e do experimentado .

Os enunciados “sertão”, “vazio demográfico” que foram usados pelos que exerciam o poder geravam movimentos populacionais e territoriais que modificavam o ambiente. O presidente Vargas agiu na colonização do norte e oeste do Paraná sem interesse em conhecer informações da vegetação, dos povos e das fronteiras ou mesmo registrá-las. Bandeiras militares conquistaram territórios por meio de combates e revoltas como a Guerra do Contestado, a Revolta Federalista e a Revolta Armada. Buscava-se o alargamento dos interiores da nação, das fronteiras políticas, que segundo Pierre Bourdieu seriam espaços onde se produzem, circulam culturas e relações de poder.

Conceitos como progresso e desenvolvimento não poderiam ficar congelados, desatualizados e inadequados considerando a dinamicidade das mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. As autenticidades significavam a forma de legitimar ações de modernização e investimentos em ciência e tecnologia. “Assim, uma inter-relação é possível. Sem dúvida, o sistema como um todo mudou de estrutura, mas o sistema antigo aparece, então, como identificável a uma parte diminuída do novo sistema” .

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA - SÃO MATEUS DO SUL - PARANÁ

A pesquisa trata de processos de ocupação de áreas, em especial o da região de São Mateus do Sul, no Paraná, a qual percorreu políticas governamentais organizadas na forma de expedições militares, imigração tendo em vista as atividades econômicas que ali poderiam se constituir . Os programas e projetos públicos permitiram a fixação de viajantes, imigrantes espanhóis, alemães e poloneses que se dedicaram à agricultura, ao extrativismo, à navegação e, mais recentemente, à exploração do mineral xisto.

A presença de um porto fluvial e de reservas florestais no Município induziu a um conjunto de práticas progressistas de destruição do ambiente natural e das relações socioculturais. Radomsky , citando Gilbert Rist, diz que isto “foi ganhando, ao longo das décadas, reformulações e

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

críticas internas que, pouco a pouco, se tornaram o próprio reconhecimento do insucesso das teorias, dos programas e das políticas”. A queda dos investimentos no porto e o esgotamento de reservas florestais nativas acresceram as preocupações político-governamentais para encontrar meios de intervenção no território, o qual já possuía uma infraestrutura de transporte para atender o escoamento da produção da região.

No período de intensa extração da erva-mate e da madeira no Centro-Sul do Estado do Paraná (1850-1940), o principal meio de transporte utilizado na região eram as pequenas e médias embarcações a vapor que navegavam pelo Rio Iguaçu. Nesta época, em São Mateus do Sul, existia um porto. Eram transportadas a erva-mate e madeira do município e região através do rio para o município de Porto Amazonas (PR), onde eram acondicionados em vagões que seguiam para os Portos Marítimos de Antonina (PR) e Paranaguá (PR).

Situada no domínio de Floresta com Araucária, na porção Oeste da Serra do Mar, no Município encontravam-se, entre outras, as espécies pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*), erva-mate (*Ilex paraguaiensis*), o cedro e as árvores frutíferas guabirobeira e pitangueira. Mas, não havia somente esta paisagem. Pessoas viviam na região, as quais foram desconsideradas visto os interesses de ocupação do território. A legitimação do processo exige a retomada das ações da colonização portuguesa, quando atracaram suas caravelas no litoral baiano brasileiro em 1500. No Paraná não foi diferente, conforme explica Tomaz ao estudar o caso da região norte do Estado.

O conceito de fronteira ajuda a entender esse processo de ocupação em nome do Estado paranaense, visto que os povos indígenas que povoavam esta vasta região não eram reconhecidos como tais pelo governo brasileiro, tratando-se assim de uma fronteira interior a ser conquistada. Isso ocorre quando em determinada região precisa haver uma ocupação que integre o território ainda não totalmente dominado pelo poder institucionalizado, o que ocorreu neste caso, pois havia terras ocupadas por povos nativos ainda não sujeitos ao governo do Estado.

A Teoria de Fronteira de Turner representa avanços no estudo dos processos de ocupação territorial e desenvolvimento, mas ainda sem remeter às abordagens ecológica e social. Por outro lado, o que estava previsto era o progresso material, sem relações com direitos, serviços e criação de processos democráticos a partir do domínio territorial. O aprofundamento desta problematização pode ser feito com estudos de Ciência Tecnologia e Sociedade, em especial quando se analisa a relação criada entre ecossistemas naturais, atores, novas tecnologias e desenvolvimento territorial.

Escobar diz que os deslocamentos forçados e os assassinatos de líderes que defendem seus territórios ocorrem toda vez que o capital global ou nacional produz discursos de expansão de

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

culturas, de espaços para a criação de animais, e apaga, simultaneamente, outras formas de existir dos grupos sociais. O autor fala em erosão de práticas relacionais de base ontológica e territorial, a qual não trabalha com as dualidades do ser humano e da natureza, do saber e da cultura, e das inter-relações com a materialidade e espiritualidade. “Todos existimos porque existe o todo” .

O caso de São Mateus do Sul faz parte da decadência das atividades extrativas do mate e da madeira e a ascensão de polos industriais nos anos 1950 na Região Sul do país. Com a produção nacional de veículos automotores, o consumo de energia apresentou uma tendência a crescer progressivamente. Novos campos petrolíferos e o aproveitamento do mineral xisto reascenderam a economia desta região paranaense. Porém, a degradação do meio ambiente acompanhou o processo e “os corpos hídricos próximos às áreas de exploração de xisto são atingidos pelas explosões na área da mina. Em virtude do rebaixamento do lençol freático alguns rios têm seu leito diminuído e outros chegam até a secar” .

APORTES TEÓRICOS

A Teoria de Fronteira Frederik Jackson Turner , idealizada no século XIX, oferece o pano de fundo para analisar as formas de ocupação da região Centro Sul do Paraná e as relações dos atores locais com a Floresta com Araucária. O autor trata de aspectos da fronteira e da formação do território norte-americano que convergiram ao progresso econômico e social deste país. Associa a construção de valores como democracia e liberdade com as condições que os americanos encontram à medida que avançaram na ocupação em direção ao oeste dos Estados Unidos.

A experiência e a superação de situações como as dificuldades em explorar, exigiram que as pessoas se relacionassem e se adaptassem a “novos” territórios e à lida com ambientes naturais (selvagens). A conquista de competências de domínio territorial se transformou em poder econômico e político, reproduzindo-se na nação como um todo . Escobar inclui o aspecto antológico destas conquistas.

El territorio se concibe como más que una base material para la reproducción de la comunidad humana y sus prácticas. Para poder captar ese algo más, el atender a las diferencias ontológicas es crucial. Cuando se está hablando de la montaña, o una laguna o río, como ancestro o como entidad viva, se está referenciando una relación social, no una relación de sujeto a objeto.

A Teoria Ator-Rede, no campo dos estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade, possui argumentos que podem complementar a abordagem de Escobar e Turner sobre as relações sociais que permeiam os atores locais e os ecossistemas. Logo, habitantes e governantes de uma região interagem com áreas naturais, as quais exercem um papel protagonista no início da implantação de práticas. Porém, na medida em que ocorrem processos de desmatamento e degradação de seus ecossistemas, as relações se modificam e crescem as limitações e restrições no manejo da região.

O conhecimento acerca da Floresta com Araucária, ecossistema integrante do bioma Mata Atlântica, abrange características de sua formação e processos que incidiram na perda de flora e fauna. Neste aspecto, os estudos e pesquisas sobre uma das espécies nativas, a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) (OLIVEIRA; ROTA, 1985; COSTA, 1995; BONDARIK *et al.*, 2006; BOGUSZEWSKI, 2007; GERHARDT, 2013; CHAIMSOHN *et al.*, 2014; MARQUES, 2014), servem para reforçar o entendimento sobre a importância da manutenção do ambiente do entorno e a conexão do seu aspecto ambiental com as questões sociais, econômicas, de desenvolvimento e de ocupação territorial.

Vale ressaltar que os pilares de construção deste texto abrange ainda dados históricos no campo da política e da expansão agrícola no Paraná, com a substituição de áreas de florestas nativas e com a atuação de agentes promotores do desenvolvimento (BONATO; BONATO, 1987; WESZ JUNIOR, 2011; TONIN, 2012; SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO, 2013; INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL, 2016; SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO, 2016).

METODOLOGIA

A estruturação deste artigo se valeu de pesquisa qualitativa, na modalidade de discussão dos atores envolvidos em processos de ocupação de terra e pontos de vista de autores que tiveram com centro de suas pesquisas o tema da fronteira. Em específico, buscou-se explorar uma visão crítico-reflexiva tendo como objeto de estudo a Floresta com Araucária e a viabilidade de ações de conservação na região centro sul do estado do Paraná. A bibliografia escolhida para dar sustentação e promover a argumentação do texto também pode contribuir para sugerir e apontar horizontes de mudanças e transformações. Foram inseridos os recursos metodológicos dos relatos de experiência,

por meio de conversas informais, as quais contribuíram para entender como ocorrem as práticas de extração da erva mate e como os atores estabelecem as relações com o meio ambiente. Estendeu-se a delimitação espacial para São João do Triunfo, município vizinho de São Mateus do Sul, dada as circunstâncias favoráveis de poder abrir o diálogo com atores que puderam contribuir com o desenvolvimento de conceitos e definições relevantes para o trabalho. A reflexão central foi sintetizada com os enfoques teóricos, as falas dos participantes e os contextos político-econômico, sociocultural e ambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Floresta com Araucária no Paraná

A Floresta com Araucária, tecnicamente chamada de Floresta Ombrófila Mista, é um ecossistema associado ao bioma Mata Atlântica e tem a Região Sul do Brasil como sua principal área de ocorrência. Nos três estados da região – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, a extensão territorial deste ecossistema era estimada em mais de 182 mil km².

Gubert Filho e Silva et al. detalham o processo de desmatamento da Floresta com Araucária e outros ecossistemas no Paraná: trajetória que ocorreu, principalmente, no final do Século XIX e durante o Século XX, sendo a principal atividade a exploração madeireira – facilitada por novas ferrovias para escoamento da madeira extraída de árvores como araucária, imbuia e canelas. O estado do Paraná era a unidade da federação que abrigava a maior porção desta floresta – próximo de 74 mil km² de seu território, dos quase 200 mil km² que perfazem as fronteiras do estado. No entanto, estudos de 2001 da Fundação de Pesquisas Florestais da Universidade Federal do Paraná indicavam que apenas 0,8% da área de ocorrência natural da Floresta com Araucária no Paraná restavam no território.

A principal característica da Floresta com Araucária é a presença do pinheiro que lhe dá o nome – a araucária (*Araucaria angustifolia*). A diversidade biológica da Floresta Ombrófila Mista é muito maior, abrigando, além do pinheiro araucária, outras espécies da flora como a erva-mate (*Ilex paraguariensis*), imbuia (*Ocotea porosa*), o xaxim (*Dicksonia sellowiana*) e as canelas sassafrás (*Ocotea odorifera*) e preta (*Ocotea catarinenses*), e da fauna como a gralha azul (*Cyanocorax caeruleus*), o lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*) e o papagaio-do-peito-roxo (*Amazona vinacea*).

Além da diversidade de espécies de sua fauna e flora, uma outra característica da Floresta com Araucária é sua longevidade. Como exemplo, Koch e Corrêa contam que a araucária, árvore símbolo do ecossistema, está presente na natureza há vários períodos geológicos, sendo uma das espécies mais antigas da flora do Brasil.

A política patrocinada pelo Governo Vargas na metade do Século XX também reforçou a ocupação territorial, gerando a substituição de florestas nativas por atividades econômicas. Sob a perspectiva do significado de fronteira para Turner, o quadro de desmatamento da Floresta com Araucária no Paraná possui correspondência com aspectos da expansão territorial e com o desenvolvimento, especialmente por conta do ciclo econômico da erva-mate vivido pelo Paraná no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, quando houve significativa geração de divisas com a comercialização e exportação da erva-mate.

Mas, conforme tratado no próximo item, a alteração dos ecossistemas naturais da região oferece parâmetros limitados se comparados com a teoria de Turner, especificamente quanto ao aspecto da construção de valores da democracia e da competência no domínio territorial, que se transformam em poder econômico e político em novos territórios.

A erva-mate e a criação de identidades

No Paraná, a região Centro-Sul concentra boa parte dos remanescentes da Floresta com Araucária. Nesta área se localizam os municípios de São Mateus do Sul e São João do Triunfo que serviram de cenário para entrevistas com agricultores e as relações que mantêm com os ecossistemas naturais da região³². Os ecossistemas da região integram o domínio de ocorrência de erva-mate, conforme descreve Oliveira e Rotta ao apresentar um mapa que abrange boa porção do território do sul do Brasil e ainda áreas na Argentina e Paraguai.

Assim como boa parte do território paranaense, a agricultura de larga escala para produção de *commodities*, como a soja, avançou também para esta região (BONATO; BONATO, 1987; SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO, 2013; 2016). É uma composição com grandes extensões de áreas com monoculturas e propriedades rurais de escala familiar. Essas duas categorias de propriedade rural exploram tal *commodity* e posteriormente

³²É importante colocar que, segundo classificação do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), os dois municípios pertencem à Mesorregião Geográfica Sudeste Paranaense. Por outro lado, é comum os habitantes afirmarem que a própria região está localizada no Centro-Sul do Paraná.

comercializa o produto junto às cooperativas, *tradings* ou diretamente com grandes empresas 2). A produção é destinada ao processamento industrial (fabricação de óleo de soja, ração para animais e biodiesel, por exemplo) ou à exportação 011). Culturas como tabaco e feijão, bem como a criação de aves e suínos, entre outras práticas, também fazem parte deste mosaico de atividades econômicas baseadas na agricultura e pecuária 2016).

Além disso, tem papel destacado o cultivo de erva-mate (*Ilex paraguariensis*) na região, importante centro produtor. Os agricultores e pecuaristas conciliam a produção desta planta com outros trabalhos na propriedade rural . Entre usos atuais e potenciais, a erva-mate tem aplicações como a produção de chás, chimarrão, tererê (bebida fria), energéticos e cosméticos, além de usos nas indústrias alimentícia e de medicamentos .

Adicionalmente aos aspectos econômicos, a relação da erva-mate com aspectos sociais e ambientais é relevante. Primeiro, o desenvolvimento das técnicas de preparo para o consumo remonta a comunidades indígenas, que envolve a extração das folhas, o ponto certo de secagem e o modo de preparo (GERHARDT, 2013; MARQUES, 2014). Primeiramente estes povos ocuparam e viveram na região de ocorrência da planta entre o sul do Brasil, Paraguai e Argentina. Posteriormente, colonizadores jesuítas, portugueses e espanhóis adquiriram o hábito e o difundiram pelas terras que exploraram na América do Sul 7).

Gerhardt , em sua tese de doutorado, descreve a história ambiental da erva-mate, e exemplifica as necessidades e o convívio dos exploradores da erva-mate com a floresta. São situações que envolvem a habilidade de identificar a planta no meio vegetal, a instalação de abrigos e estruturas para processamento do produto, bem como formas de sobreviver no campo.

Acampar e trabalhar na floresta durante semanas requeria saber se proteger do frio, evitar animais perigosos, levar consigo a alimentação e saber como obtê-la no ambiente. A caça, a pesca, a extração de palmito, a coleta de frutos e da semente de *Araucaria angustifolia*, o pinhão, onde ela está disponível, são algumas das possibilidades de alimentação na floresta .

Segundo relatos de dois profissionais³³, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Mateus do Sul busca organizar um sistema produtivo mais amplo da erva-mate para transformá-la em atividade econômica rentável para seus associados . Além de ser a planta nativa deste ecossistema,

³³Evandro Möller e Tiago Licheski, funcionários do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Mateus do Sul.

ela faz parte da paisagem do cotidiano dos produtores rurais da região, os quais estabelecem relação de interdependência do produto com a floresta em pé.

Além disso, eles travam relações da vida da árvore da erva-mate com a Floresta com Araucária. Agricultores e pesquisadores afirmam que a erva-mate de melhor qualidade é aquela produzida de forma consorciada com a Floresta com Araucária. Aproveitando a sombra das árvores maiores, apresentam menos problemas fitossanitários, entre outras características disponibilizadas ou viabilizadas pela presença da área natural .

Em continuidade ao tema desta conversa, o diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, José Licheski, diz que esta questão ultrapassa o âmbito ambiental e pode ser um contraponto à “revolução verde” – o fenômeno de intensificação de práticas agrícolas de grande escala, privilegiando a cultura de *commodities* com o objetivo praticamente exclusivo de geração de lucro . O contraponto neste caso seria a busca por parte dos agricultores familiares por inserção mais ampla no mercado agrícola, por intermédio de práticas mais acessíveis e para as quais eles têm capacidade de alcançar melhores resultados.

Uma parte deste anseio pode ser verificada em campo, em uma propriedade rural no interior do município, de posse de Demerval Pessin Farias, associado ao sindicato de São Mateus do Sul. Ele relata os esforços necessários para manter a qualidade da erva-mate. Enquanto líder do empreendimento de um sistema, ele identifica e separa as melhores matrizes da espécie para posterior produção e comercialização de mudas com características genéticas que, por exemplo, rendam maior produtividade e melhor qualidade da planta com vistas a ganhar vantagens no mercado .

No município vizinho de São João do Triunfo, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais trabalha em busca do melhor aproveitamento deste processo ecológico no interior da Floresta. O presidente do Sindicato, Nelson Dias da Silva, relata um aspecto novo para o empreendimento, que seria o cultivo orgânico de erva-mate, o qual se vale da sombra e do funcionamento da Floresta com Araucária para produção e colheita, evitando o uso de insumos químicos como agrotóxicos e ainda tendo o intuito de agregar valor ao produto . Esta produção consorciada contribui para o terceiro ponto da relação entre a floresta e a erva-mate, visto que a planta tem apelo e potencial para servir como estímulo à conservação da biodiversidade dos ecossistemas onde a espécie ocorre . Assim, a manutenção da Floresta contribui com a qualidade e a quantidade da produção de erva-mate.

Os empreendimentos encampados pelos sindicatos em São Mateus do Sul e São João do Triunfo encontram correspondência com os estudos de Chaimsohn et al. que embasam argumentações para alcançar um título de indicação geográfica, um atributo que pode rotular a erva-mate produzida na região e ao mesmo tempo atestar seus diferenciais, sua qualidade e compromissos para manutenção dos ecossistemas naturais e desenvolvimento regional.

Esta projeção dos autores foi confirmada com a obtenção da qualificação requerida pela Associação dos Amigos da Erva-Mate de São Mateus. Em outubro de 2016, o Instituto Nacional de Propriedade Industrial concedeu o registro de indicação geográfica para a erva-mate cultivada em ervais nativos nos municípios paranaenses de São Mateus do Sul, São João do Triunfo, Rio Azul, Mallet, Antônio Olinto, e Rebouças .

Apesar do reconhecimento da importância da Floresta com Araucária para a produção da erva-mate, e conseqüentemente a permissão de uma atividade econômica e a permanência de aspectos culturais da região, é comum ouvir relatos de desafios em conciliar a produção agrícola com a manutenção do patrimônio natural . Representantes dos agricultores, via de regra, atestam o atrapalho de sombras de áreas naturais sobre o campo produtivo ou a limitação de espaço para ampliação de cultivos. Tais limitações estão relacionadas a instrumentos jurídicos que preveem a necessidade de se manter áreas de preservação permanente ou reserva legal em propriedade rural .

Os aspectos sociais e ambientais do cultivo da erva-mate dialogam com a Teoria de Fronteira de Turner, uma vez que em todo o sistema produtivo agrícola residem características relacionadas à experiência em explorar, se relacionar e se adaptar a um novo território. Além disso, o atributo de expansão do hábito de consumo de erva-mate, comportamento marcante entre os brasileiros do Sul, paraguaios, argentinos e uruguaios, igualmente se relaciona com as proposições teóricas de Turner.

Vale ampliar essa abordagem apresentada no artigo para os Estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade sob o enfoque da Teoria Ator-Rede. Desta forma, seriam questionados os olhares sobre as estratégias de ocupação e desenvolvimento territorial que consideram apenas a presença humana como protagonista exclusiva da ação de desbravamento das novas regiões. Baseando-se no conceito de actante, ou seja, o elemento não-humano atua como um agente e também determina os processos e rumos que um fato pode tomar. Conseqüentemente, ele deve ser entendido como ator da rede que forma os ecossistemas da Floresta com Araucária e sua diversidade biológica explorada, e também

as árvores que forneceram madeira ou que ainda as que trarão a perspectiva de crescimento econômico, como é o caso da erva-mate. Esta seria uma valiosa contribuição para entender o que significam os ambientes naturais e trabalhar os valores de desenvolvimento, domínio territorial e democracia previstas na Teoria de Fronteira de Turner.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação e recriação de identidades e novas possibilidades de desenvolvimento ocorreu na exploração da cultura da erva-mate, da conquista de territórios e na organização da produção e comercialização. A complexidade e os conflitos provindos da dualidade proeminente de conservação e desmatamento, apropriação e território provocaram comportamentos desfavoráveis para todos e para o todo.

O avanço sobre as áreas naturais e a transformação do uso do solo para a geração de riqueza é a essência da teoria de fronteira de Turner, mais especificamente com os aspectos de expansão territorial e desenvolvimento econômico. Mas, segundo Escobar, o aspecto ontológico precisa ser incluído neste tipo de ocupação territorial. A construção de outros valores, classificados pela modernidade como civilizados, como democracia e competência no domínio territorial, oculta ações e manipulações que precisam ser reveladas e estudadas.

Os conquistadores agiram de modo semelhante seja em contexto norte ou sul americano. Parecia que não existiam limites para a natureza e o poder da ação humana e das tecnologias. Do mesmo modo, os colonizadores portugueses exploraram os territórios brasileiros sem considerar a finitude dos ecossistemas e suas relações com as populações nativas. Políticas públicas e programas governamentais continuam sendo o discurso da dubiedade do patrimônio natural e do desenvolvimento, e das tecnologias e qualidade de vida.

As contradições transparecem por todos os lados e ainda estamos caminhando a “passos de formiga e sem vontade” de mudar.

Referências Bibliográficas:

BÔAS, Orlando Villas; BÔAS, Cláudio Villas. *A marcha para o oeste*. São Paulo: Editora Globo, 1994.

BOGUSZEWSKI, José H. *Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações*. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

BONATO, Emídio R.; BONATO, Ana Lúcia V. *A soja no Brasil: história e estatística*. Londrina: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro Nacional de Pesquisa de Soja, 1987.

BONDARIK, Roberto; KOVALESKI, João L.; PILATTI, Luiz A. A produção de erva-mate e a iniciação industrial do Paraná. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO*, 19. 2006, Ponta Grossa. *Anais eletrônicos*. Ponta Grossa: 2006. Disponível em: < [http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindimate-old/uploadAddress/A%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20Erva%20Mate%20e%20a%20Inicia%C3%A7%C3%A3o%20Industrial%20do%20Paran%C3%A1\[37677\]\[6394\].pdf](http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindimate-old/uploadAddress/A%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20Erva%20Mate%20e%20a%20Inicia%C3%A7%C3%A3o%20Industrial%20do%20Paran%C3%A1[37677][6394].pdf) >. Acesso em: 11 set. 2016.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALLON, Michel. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. *Sociologias*, p. 302-321, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222008000100013&nrm=iso >. Acesso em: 15 jan. 2017.

CASTELLA, Paulo R.; BRITZ, Ricardo M. de. *A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Centro de Informação, Documentação Ambiental e Editoração-CID Ambiental, 2004.

CHAIMSOHN, Francisco P. et al. Sistemas tradicionais e agroflorestais de erva mate e impactos no desenvolvimento territorial: o Centro-sul do Paraná e Norte catarinense. In: Valdir R. Dallabrida (Org.). *Desenvolvimento territorial: políticas públicas brasileiras, experiências internacionais e a indicação geográfica como referência*. São Paulo: LiberArs, 2014. p.47-54.

COSTA, Samuel G. *A erva-mate*. Curitiba, PR: Farol do Saber, 1995.

ESCOBAR, Arturo. Territórios da diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. In: *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 35, p. 89-100, 2015.

FARIAS, Demerval Pessin. Entrevista concedida a Ricardo Gomes Luiz. São Mateus do Sul, 29 jul. 2016.

EXPEDIÇÕES

Teoria da História &
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

GERHARDT, Marcos. *História ambiental da erva-mate*. 2013. 290 p. f. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GRANGER, Gilles-Gaston. *A ciência e as ciências*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

GUBERT FILHO, Francisco A. . O Desflorestamento do Paraná em um Século. In: Claudia (Org.) Sonda e Silvia C. (Org.) Trauczynski. *Reforma agrária e meio ambiente: teoria e prática no estado do Paraná*. Curitiba, PR: ITCG, 2010.

HOLANDA, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil*. 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Perfil da Região Geográfica Sudeste Paranaense. Curitiba, 2016. Disponível em: < http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=709&btOk=ok >. Acesso em: 11 set. 2016.

KOCH, Zig; CORRÊA, Maria Celeste. *Araucária – A Floresta do Brasil Meridional*. 2ª ed. Curitiba: Olhar Brasileiro, 2010.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador; Bauru: Edufba; Edusc, 2012.

LICHESKI, José. Entrevista concedida a Ricardo Gomes Luiz. São Mateus do Sul, 29 jul. 2016.

LICHESKI, Tiago; MÖLLER, Everton. Entrevista concedida a Ricardo Gomes Luiz. São Mateus do Sul, 29 jul. 2016.

MAACK, Reinhard. *Geografia física do Estado do Paraná*. Curitiba, PR: Max Roesner, 1968.

MARQUES, Anesio da C. *As paisagens do mate e a conservação socioambiental: um estudo junto aos agricultores familiares do Planalto Norte Catarinense*. 2014. 434 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza: a natureza de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia L. *O Brasil de JK. A conquista do oeste*. 2016. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/ConquistaOeste> >. Acesso em: 14 ago. 2016.

OLIVEIRA, Yeda M. M. de; ROTTA, Emilio Área de distribuição natural de erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.). In: *SEMINÁRIO SOBRE ATUALIDADES E PERSPECTIVAS FLORESTAIS*, 10., 1985, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: Embrapa-CNPq, 1985. Disponível em: <

<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/102798/1/AreaDistribuicao.pdf> >. Acesso em: 10 set. 2016.

PEINADO, Federico L; ALONSO, Manuel A. R. *Comentario de textos historicos*. Lerida: Dilagro Ediciones, 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS DO SUL. *Erva-mate local obtém registro de indicação geográfica*. 2016a. Disponível em: < <http://www.saomateusdosul.pr.gov.br/noticias/erva-mate-local-obtem-registro-de-indicacao-geografica/> >. Acesso em: 21 dez. 2016.

_____. O Município. História. 2016b. Disponível em: < <http://www.saomateusdosul.pr.gov.br/o-municipio/historia/> >. Acesso em: 14 ago. 2016.

PRIORI, Angelo et al. *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá, PR: Eduem, 2012.

RADOMSKY, Guilherme F. W. Desenvolvimento, pós-estruturalismo e pós-desenvolvimento. A crítica da modernidade e a emergência de “modernidades” alternativas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 75, p. 149-193, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. *Milho Paranaense - Safra 2013/2014*. Departamento de Economia Rural. Curitiba, PR. 2013.

_____. *Milho - Análise da Conjuntura*. Departamento de Economia Rural. Curitiba, PR. 2016.

SILVA, Claiton M.; BRANDT, Marlon; DE CARVALHO, Miguel M. X. Uma história ambiental da Fronteira Sul: campos, florestas e agroecossistemas. In: Paulo A. Zarth; José Carlos Radin, et al. *História da Fronteira Sul*. 1ª. Porto Alegre, RS: Letra&Vida, 2015. cap. 13, p.271-297.

SILVA, Nelson D. da. Entrevista concedida a Ricardo Gomes Luiz. São João do Triunfo, 06 ago. 2016.

TOMAZ, Paulo C. A Região Norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá. In: *Revista Semina*, Passo fundo, RS, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2010.

TONIN, Julyerme M. *Cadeias produtivas da soja e do milho*. Maringá: Centro Universitário de Maringá, 2012.

TURNER, Frederick J. *The frontier in American History*. 3ª ed. New York: Dove Publications, 1996.

WESZ JUNIOR, Valdemar .J. *Dinâmicas e estratégias das agroindústrias de soja no Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.